

# M&A em tecnologia tem alta de mais de 70% no valor das transações e alcança US\$ 478 bilhões

Depois da compra da chinesa Manus pelo grupo Meta, movimento de M&A envolvendo players do setor passa a ser observado com mais atenção pelo mercado; especialista explica

WhatsApp, Instagram e Facebook consolidaram-se como uma das negociações mais relevantes do mercado global de fusões e aquisições (M&A) no ano. Para analistas, no entanto, o movimento está longe de ser um caso isolado e reflete uma tendência mais ampla de consolidação estratégica no setor de tecnologia.

“Há um movimento de fusões e aquisições no mercado de tecnologia como estratégia para alavancar negócios. Empresas que partem para a compra, como a Meta, objetivam adquirir algoritmos, talentos e competências, que se tornam ativos importantes, acelerando seus departamentos de inovação sem desenvolver do zero”, observa o administrador Leonardo Grisotto, cofundador e sócio-diretor da Zaxo, boutique de M&A.

Ou seja, o movimento de M&A passa a se configurar como ferramenta para agregar competências e funcionalidades tecnológicas que a empresa não dispõe internamente, mas que são vistas como impulsionadoras. Segundo o especialista, esse movimento se intensificou com a difusão de tecnologias de inteligência artificial.

Segundo um estudo da Bain & Company, o M&A em tecnologia atingiu cres-



cimento superior a 76% no valor das transações, alcançando US\$ 478 bilhões no acumulado do ano. Quase metade do valor estratégico de negócios acima de US\$ 500 milhões envolveu empresas nativas de IA ou citou benefícios ligados à IA.

Ainda de acordo com o levantamento, no último ano houve forte mudança para “scope deals”, aquisições voltadas à expansão em novos mercados e segmentos de clientes, em vez de “scale deals”, focados apenas em ampliar operações existentes. Cerca de 60% das transações acima de US\$ 1 bilhão foram classificadas como de escopo, o maior índice já registrado, refletindo foco em crescimento de receita e aquisição de novas capacidades.

Contudo, de acordo com Grisotto, não só grandes

empresas, como também aquelas de médio porte, têm adotado essa estratégia. “Apesar da maioria dos negócios envolver valores acima de US\$ 5 bilhões, internamente, no Brasil, também temos exemplos, e o movimento se apresenta como tendência do mercado nacional de M&A”, frisa.

No país, as fusões e aquisições envolvendo players do setor de tecnologia abrangem principalmente desenvolvedoras de softwares como serviço, plataformas de gestão empresarial, inteligência artificial e organizações de cibersegurança. “Empresas que precisam intensificar e acelerar sua digitalização optam por adquirir soluções consolidadas, em vez de começar do zero nesse processo”, pontua o executivo da Zaxo M&A Partners.

A inovação proporcionada pelas novas tecnologias,

competências e talentos incorporados com o processo de M&A, junto com governança e capacidade de resiliência, torna-se, na avaliação do especialista, alicerce para empresas que buscam expansão acelerada, mas sustentável.

“O M&A cada vez mais é entendido como um caminho estratégico para o crescimento de uma organização. Isso da perspectiva ‘buy’ (de quem deseja comprar). Do ponto de vista ‘build’, o M&A estimula o desenvolvimento interno de inovações, inclusive. Para médias empresas, isso é ainda mais relevante”, ilustra Grisotto.

Além disso, muitas vezes a aquisição tem caráter defensivo, ou seja, evitar que um concorrente incorpore determinada tecnologia, equipe ou base de clientes pode ser tão estratégico quanto expandir portfólio. “Nesses casos, comprar passa a ser uma forma de proteger posicionamento, garantir acesso à inovação e bloquear movimentos adversários. Na prática, isso torna o ambiente mais dinâmico e competitivo: empresas que não acompanham o ritmo de consolidação tendem a perder relevância, enquanto grupos capitalizados aceleram sua capacidade de entrega e de escala”, completa o executivo.

## Expansão do mercado de data centers no Brasil é oportunidade para protagonismo da indústria do Cobre

Walter Sanches (\*)

O Brasil ocupa uma posição privilegiada no que se refere à expansão global dos data centers. Atualmente, o país é o 12º com maior volume de estruturas no mundo, segundo dados do Data Center Map, e será um dos principais destinos de investimentos, que deverão somar cerca de US\$ 3 trilhões nos próximos cinco anos, de acordo com relatório da agência de classificação de risco Moody’s. Esse processo exigirá performance dos sistemas de geração e transmissão de energia e, nesse cenário, a indústria do Cobre se torna um importante player para assegurar a estabilidade dos sistemas.

Os investimentos crescentes em data centers estão cada vez mais impulsionados pelo avanço acelerado da inteligência artificial, que demanda volumes massivos de processamento e armazenamento de dados. Diferentemente das aplicações tradicionais, os modelos de IA, especialmente os mais avançados, exigem infraestrutura computacional de alta performance, com grande densidade de processamento, elevado consumo energético e sistemas sofisticados de resfriamento.

Nesse contexto, a computação em nuvem ganha ainda mais relevância ao permitir escalabilidade rápida e flexível, viabilizando o treinamento e a operação desses modelos sem a necessidade de grandes aportes iniciais em Despesas de Capital (CAPEX). Dessa maneira, o crescimento da IA se torna o principal vetor de expansão e transformação dos data centers modernos.

Do ponto de vista estrutural, esse movimento requer espaço físico amplo, infraestrutura elétrica englobando quadros, painéis e subestações elétricas, em que o Cobre é utilizado em fios e barramentos, além de sistemas de refrigeração e controles de segurança física e digital. Considerando esses fatores, as empresas que atuam em algum desses ecossistemas já vêm atendendo exigências técnicas mais complexas para o funcionamento desse tipo de sistema.

### Indústria do Cobre no contexto de data centers

As principais características do Cobre, como elevada condutividade, troca térmica, alta resistência e durabilidade, fazem com que o metal seja o preferido para a fabricação de data centers. Ele é utilizado nas hastes de aterramento, condutores, quadros elétricos, fios, cabos, barramentos e conectores elétricos. O material também está presente nos sistemas de refrigeração, no formato de tubos, em trocadores de calor e componentes do sistema, além de ser ideal para suportar as altas cargas de trabalho dessa estrutura.

Este movimento de expansão do mercado exige uma adaptação da indústria do Cobre à maior demanda por materiais. Nesse sentido, gestores do setor vêm enfrentando custos logísticos elevados, carga tributária complexa e concorrência com produtos importados, principalmente os asiáticos, o que impacta diretamente a competitividade da produção nacional. No entanto, o cenário também apresenta oportunidades para as empresas, já que as estruturas de energia consomem um volume elevado do metal.

Países produtores de Cobre, como o Brasil, levam vantagem na corrida pela atração de data centers, pois, normalmente, apresentam uma indústria de transformação capaz de atender demandas mais complexas com alto rigor técnico, o que pode gerar alternativas a produtos importados e abrir espaço para projetos mais rentáveis, com entregas antecipadas e personalizadas. Fatores como maturidade de mercado, consumo, segurança, disponibilidade de incentivos fiscais e a própria viabilidade econômica e financeira do projeto também impactam no direcionamento de investimentos para esta proposta.

### Impacto na disponibilidade do metal

Uma das preocupações que o aumento dos data centers suscita é referente ao impacto na disponibilidade do Cobre. A curto e médio prazos, a expansão não deve acarretar a escassez local ou global do material, mas deverá pressionar os preços e limitar estoques com o aumento da demanda.

Porém, a S&P Global estima que, até 2040, setores de Inteligência Artificial, que abrangem os centros de dados, e de defesa deverão ampliar a demanda global de Cobre em 50%, criando um cenário de déficit de 10 milhões de toneladas por ano, caso não haja reciclagem, mineração ou outras fontes de suprimento para a reposição do produto.

No contexto da economia circular, o cobre destaca-se por sua alta reciclabilidade e pelo seu elevado valor agregado. Sua capacidade de ser recuperado, processado e reinserido na cadeia produtiva reforça sua relevância como material estratégico para iniciativas de reaproveitamento e uso mais eficiente de recursos.

### Futuro dos data centers no Brasil

Um estudo da Lenovo aponta que o data center do futuro será definido pela eficácia com a qual a estrutura pode escalar para IA, bem como o cumprimento de metas de sustentabilidade e a operação com a máxima eficiência energética.

A partir disso, ligas especiais supercondutoras para minimizar perdas energéticas, refrigeração híbrida e hyperscales para maior capacidade de processamento estarão mais presentes nesta estrutura, indicativos de que o Cobre continuará sendo um material relevante para o desenvolvimento do segmento.

O número de instalações de data centers no Brasil nos próximos anos aumentará exponencialmente das 195 atuais e, nesse cenário, também se espera um crescimento diretamente proporcional da produção e transformação do Cobre para atender à nova demanda, de maneira a proporcionar alta performance e estabilidade operacional à infraestrutura.

Essa é uma oportunidade para que a indústria brasileira ganhe espaço nesse mercado e assuma um papel cada vez mais protagonista e estratégico no fornecimento não somente do Cobre, mas de seus subprodutos para o segmento, ampliando a competitividade da produção nacional frente às importações.

(\*) Diretor de Tecnologia da Informação e Planejamento da Termomecânica, empresa líder na transformação de Cobre e suas ligas.

## Copa, eleição e feriados derrubam o mercado imobiliário?

Sempre que o calendário brasileiro combina grandes eventos, como eleições presidenciais, Copa do Mundo ou períodos prolongados de feriados, surge uma dúvida recorrente no mercado imobiliário: será que as vendas vão desacelerar?

A preocupação costuma ganhar espaço no início desses anos considerados “barulhentos” do ponto de vista político e social. Mas uma análise dos ciclos recentes do setor mostra que a realidade do mercado imobiliário brasileiro tende a seguir uma lógica diferente.

Em 2020, por exemplo, mesmo em meio à pandemia, o mercado de imóveis novos registrou crescimento nas vendas em várias regiões do país. Já em 2021, o crédito imobiliário atingiu um recorde histórico, ultrapassando R\$ 255 bilhões em financiamentos, impulsionando o setor em praticamente todo o território nacional.

Mesmo em anos marcados por eleições e grandes eventos esportivos, o desempenho do mercado não costuma acompanhar o clima de incerteza que domina outras áreas da economia. Em 2018, ano de eleição presidencial, as vendas de imóveis residenciais cresceram cerca de 19% em relação ao ano anterior. Já em 2022, também marcado por eleições e pela Copa do Mundo, o crédito imobiliário somou aproximadamente R\$ 241 bilhões, o segundo maior volume da série histórica.

Para Andressa Machado, especialista em estruturação de equipes de vendas no mercado imobiliário, esse comportamento acontece porque o setor responde muito mais a fatores estruturais do que ao calendário político ou esportivo.

“O mercado imobiliário não é movido por Copa do Mundo, feriado ou eleição. Ele responde a fatores estruturais como demanda por moradia, crédito disponível, renda e formação de patrimônio”, afirma.

Segundo ela, dois movimentos sustentam o mercado brasileiro de forma consistente ao longo dos anos. O primeiro é a demanda por moradia, impulsionada pelo



crescimento das cidades, pela formação de novas famílias e pelo déficit habitacional ainda presente no país. O segundo é o aumento da busca por imóveis como ativo de investimento e proteção patrimonial.

“O Brasil tem uma demanda estrutural por moradia que existe todos os anos. Ao mesmo tempo, cresce a procura por imóveis como forma de preservar patrimônio e diversificar investimentos”, explica.

Outro fator que ajuda a explicar a resiliência do setor é o fato de que o mercado imobiliário brasileiro funciona como vários mercados simultâneos, com dinâmicas regionais e nichos diferentes operando ao mesmo tempo.

“Enquanto um segmento pode passar por ajustes, outros continuam crescendo. Por isso, o que costuma fazer diferença nos resultados não é o calendário, mas a capacidade das empresas de interpretar dados, entender nichos de mercado e preparar suas equipes de vendas”, diz.

Na avaliação da especialista, anos marcados por maior ruído no ambiente econômico ou político tendem a favorecer justamente empresas e profissionais mais preparados, capazes de identificar oportunidades em diferentes segmentos do mercado.

“Mais do que um ano de retração, esses períodos costumam ser anos de maturação do mercado. Quem conseguir os dados e se posicionar bem continua vendendo e, muitas vezes, ganha espaço”, conclui Andressa.